

Prestígio, Poder e Mediocridade:

o jornalista em Lima Barreto

*Sara Keller*¹

*Cida Golin*²

Resumo

Resultado de pesquisa monográfica, este artigo analisa a representação do jornalista no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) e em cinco crônicas (1911-1919) de Lima Barreto. Como metodologia, utiliza-se a pesquisa bibliográfica e a análise narrativa a partir da teoria da personagem. Resgatando elementos da história da imprensa, busca-se retomar aspectos do jornalismo brasileiro no início do século XX. Empreende-se a análise das personagens jornalistas no romance e nas crônicas do autor, procurando compreender a caracterização proposta por Lima Barreto em seu trabalho como escritor.

Palavras-chave: *Lima Barreto; Jornalista; Jornalismo e Literatura; História da Imprensa.*

1. Introdução

Em seu vasto trabalho como escritor, Lima Barreto documentou diversos aspectos da vida carioca do início do século XX. Instigado pela própria experiência no jornal *Correio da Manhã*, explorou o cotidiano das redações na virada do século. Seu principal romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, completa cem anos de publicação em 2009, aclamado como um dos clássicos da literatura nacional.

O objetivo deste artigo é analisar a representação do jornalista em Lima Barreto. Além do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, ampliamos a análise com a seleção de cinco crônicas de sua autoria que tratam sobre a imprensa: *Os nossos jornais*

¹ Bacharel em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutora em Letras. Professora adjunta do DECOM/FABICO e PPGCOM/FABICO da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

(*Gazeta da Tarde*; 18/10/1911); *Os jornais dos estados* (*Correio da Noite*; 14/01/1915); *De forma que...* (*Careta*; 06/11/1915); *Ao Caio M. de Barros* (*O Debate*; 9/08/1917) e *O repórter e o júri* (*Careta*; 18/10/1919), reunidas no livro *Toda Crônica*, organizado por Beatriz Resende e Rachel Valença (2004). A condução da análise é feita por meio de pesquisa bibliográfica e análise narrativa a partir da teoria da personagem. Neste sentido, resgatando elementos de contextualização histórica e da própria vida e obra de Lima Barreto, são utilizados autores como Nicolau Sevcenko (1998), Boris Fausto (1995), Nelson Werneck Sodré (1977), Sergio Miceli (2001), Francisco de A. Barbosa (1952), Cristiane Costa (2005), entre outros. Antonio Candido (1968) e E. M. Forster (1969), principalmente, são guias na análise da representação dos jornalistas do romance e das crônicas, fornecendo classificações das personagens que serão utilizadas neste trabalho.

Para Antonio Candido (1968), uma das principais funções da ficção é permitir um conhecimento mais amplo dos sujeitos e do contexto que os cerca. No mundo imaginário, as personagens obedecem a uma lei própria, recebendo contornos mais definidos do que na realidade. Possuem uma lógica pré-estabelecida pelo seu criador, o que as torna referências significativas para o conhecimento do real. Logo, a discussão das representações literárias para o conhecimento da história de uma profissão mostra-se importante ferramenta para seu entendimento, reconstruindo o contexto social e histórico de uma época.

2. Uma imprensa em transformação

O período que compreende os últimos anos do século XIX e os primeiros do XX foi de intensa transformação social. Este é o momento de significativos avanços tecnológicos, do crescimento demográfico mundial e da modernização das cidades. No Brasil, o Rio de Janeiro, cenário da obra de Lima Barreto, ocupa o papel de metrópole-modelo: era, além de sede do governo, centro cultural, maior cidade, maior porto e cartão postal do país (SEVCENKO, 1998). No campo político, o Brasil saía do Império para a Primeira República (1889-1930). País eminentemente agrícola, apostava no café como principal produto de exportação. Os dados do censo de 1920 apontavam que 69,7% da população em atividade se ocupava com a agricultura; 13,8% lidava com a indústria; e 16,5% com serviços (FAUSTO, 1995: 273; 282).

No campo da imprensa, inicia-se um processo de desenvolvimento dos jornais, revistas e impressos periódicos. A imprensa torna-se efetivamente um segmento

empresarial, exigindo uma organização segundo os moldes capitalistas, passando a priorizar o caráter informativo em detrimento do opinativo, predominante até então (ROMANCINI; LAGO, 2007). Na sociedade carioca, de acordo com Barbosa (2007), os jornais começam a conquistar poder e notoriedade quando transformados em verdadeiras fábricas de notícias. A produção artesanal tende a desaparecer, e quem ganha espaço são os veículos que se modernizam. Para Sodré (1977), o século XX marca, no Brasil, a passagem da pequena à grande imprensa.

Os avanços tecnológicos também contribuíram para as alterações. Os métodos mais modernos de impressão permitiram o uso de fotos; as máquinas de escrever, o telégrafo e as agências de notícias agilizaram a informação (ROMANCINI; LAGO, 2007). Com as facilidades trazidas pela vida moderna, o que se viu foi um aumento do número de impressos e de oportunidades para quem quisesse ganhar a vida escrevendo. Para Maria de Lurdes Eleutério (2008), além de fonte de renda, a imprensa se transformou em mecanismo de legitimação, distinção e poder político: surgia o mercado jornalístico. O *Jornal do Comércio* e o *Correio da Manhã*, por exemplo, dois dos mais importantes periódicos cariocas da época, pagavam de 30 a 60 mil réis a seus colaboradores literários (MICELI, 2001).

Ao retomar historicamente a situação do jornalismo, percebe-se que, naquele momento, as fronteiras entre jornalismo e literatura ainda eram bastante difusas. Brito Broca (2005) aponta que a industrialização da imprensa vinha acontecendo sem grande prejuízo para a literatura, uma vez que a maioria dos jornais cariocas continuava a aceitar e pagar contribuições neste sentido. Neles, “os homens das letras buscavam encontrar (...) o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível” (SODRÉ, 1977: 334). Resumindo o quadro de transformações no jornalismo nos anos iniciais do século XX, Broca (2005) aponta mudanças como a decadência do folhetim, a evolução da crônica para a reportagem, maior utilização da entrevista e a crítica literária orientada pelos lançamentos do momento.

Um dos jornais mais importantes daquele período foi o *Correio da Manhã*, que, em *Isaiás Caminha*, recebe o nome de *O Globo* e será o local de trabalho do protagonista. Será também o centro que agrega os jornalistas com quem Isaiás tem mais contato, constituindo-se no principal parâmetro de julgamento sobre os profissionais da imprensa. Fundado em 1901, o *Correio da Manhã* começou a circular em junho do mesmo ano. Ao todo, teve uma vida de 73 anos, sendo seu último número de junho de 1974. No início, sob

direção de Edmundo Bittencourt, o jornal caracterizava-se pela forte oposição ao governo. Seu público era formado pela pequena burguesia urbana: comerciantes, professores, funcionários do escalão médio da administração, militares, donos de pequenas empresas (RIBEIRO, 2007). Com uma tiragem de cerca de 30 mil exemplares, logo se consolidou como o maior jornal carioca, atingindo relevante popularidade. Contudo, “a última edição (...) circulou no dia 8 de junho de 1974. O jornal tinha então (...) uma tiragem de apenas três mil exemplares. (...) Seu déficit era de 10,5 milhões de cruzeiros” (RIBEIRO, 2007: 71).

3. Lima Barreto: uma breve biografia

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro, filho de um tipógrafo e de uma professora, ambos mestiços e filhos de escravos. Quando seu pai trabalhava em um jornal do Rio, conheceu Afonso Celso, o visconde de Ouro Preto. Ministro da Fazenda, o visconde tornou-se seu protetor: conseguiu-lhe emprego na Imprensa Nacional e foi seu padrinho de casamento. Foi ele quem se dispôs a pagar pela educação do afilhado, Afonso Henriques, que, em 1897, matriculou-se na Escola Politécnica. Reprovado várias vezes, no último ano precisou abandonar os estudos devido à doença mental do pai. Em 1903 prestou concurso público e passou a trabalhar no Ministério da Guerra, mas não abandonou o sonho de se tornar um grande escritor.

A marginalização e a hostilidade do meio social são aspectos explícitos nas páginas dos livros de Lima Barreto. Segundo Miceli (2001: 36), o escritor atribuía grande parte dos seus problemas, “sua exclusão social, sua infelicidade, sua decadência física, as alucinações, o alcoolismo, o celibato forçado”, ao fato de ser mulato. Diante das dificuldades, “mulato culto, sem diploma nem dinheiro, iria parar fatalmente no jornalismo” (COSTA, 2005: 59).

O início do século marca o surgimento e crescimento das revistas ilustradas como a *Fon-Fon*, *Careta* e *Kosmos*. Em 1907, Lima Barreto aventurou-se neste segmento, fundando a *Floreal*. Por falta de recursos, a revista não teve vida longa: resistiu apenas até a quarta edição. Seus quatro números ofereciam uma nova perspectiva à edição das revistas, já que “o escritor fazia uma crítica voraz ao beletismo e à estética gráfica apurada, numa revista (...) sem as imagens que enchiam os olhos dos leitores da época nas sofisticadas revistas de variedades” (ELEUTÉRIO, 2008: 92). Publicou os primeiros

capítulos de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* na *Floreal* em forma de folhetim. Somente em 1909 sairia o livro em brochura, por meio de um editor português. Sem encontrar no Rio de Janeiro alguém que o publicasse, Lima Barreto aceitou a proposta de A. M. Teixeira, que exigiu que ele abrisse mão de seus direitos autorais em troca de 50 exemplares da obra (COSTA, 2005).

Prejudicado pela bebida, em 1914 começou a ter alucinações que culminaram em uma temporada no hospício. Custeando as edições de seus livros do próprio bolso, passou a dever dinheiro a credores. O escritor ainda se candidatou três vezes para a Academia Brasileira de Letras, mas não foi eleito. Em 1º de novembro de 1922 faleceu, aos 41 anos, vítima do de problemas cardíacos.

4. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e as crônicas

Recordações do Escrivão Isaías Caminha conta a história de Isaías, um jovem do interior que parte rumo ao Rio de Janeiro para estudar. Na nova cidade enfrenta uma série de obstáculos, como preconceito racial e dificuldades financeiras. Quando passa a trabalhar no jornal *O Globo*, conhece o cotidiano das redações, relatando suas impressões sobre a imprensa.

Como se sabe, o livro apresenta um forte viés autobiográfico. Ali são narrados fatos a partir da experiência do escritor no *Correio da Manhã*. Um dos nomes mais criticados é justamente o do dono e fundador do jornal, Edmundo Bittencourt, que na ficção chama-se Ricardo Loberant. Indignado com as críticas, o jornal proibiu o nome do escritor ou qualquer alusão a ele em suas páginas. O veículo não escreveu uma só palavra sobre a obra, atitude seguida por outras publicações.

Recordações do Escrivão Isaías Caminha mostrou-se ponto de discordância entre a crítica literária. Segundo Alice Áurea Penteadó Martha (2001), foram duas as vertentes de pensamento sobre ele. Uma, liderada pelo crítico Medeiros e Albuquerque, acreditava ser panfletária a produção, próxima à sátira. Outros seguiam Carlos Eduardo (J. Brito), enxergando o livro positivamente e conferindo-o estatuto de arte. A primeira, porém, era a predominante.

Em 1907, o crítico mais proeminente da época, José Veríssimo, referiu-se a Lima Barreto de maneira positiva. Ele afirmava ter lido na *Floreal* “um começo de uma novela, (...), na qual acreditava descobrir alguma coisa” (MARTHA, 2001), enfatizando aspectos

como simplicidade e sobriedade. Medeiros e Albuquerque, em 1909, disse não reconhecer no livro qualidade estética, enfatizando que sua postura satírica e de combate possuía motivos extra-literários, razões pessoais e vingança (SODRÉ, 1977). Alcides Maya também comentou a imagem de escritor vingativo, que utiliza a obra para punir a imprensa carioca (MARTHA, 2001). Segundo ele, o livro era uma “verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas, de ódios” (*apud* SODRÉ, 1977: 349).

A obra de Lima Barreto, porém, não ficou restrita ao romance. Seu trabalho compreende um extenso número de crônicas, escritas para diversos veículos cariocas, exercitando um olhar aguçado sobre os assuntos do dia-a-dia. Ao todo, colaborou com cerca de 500 textos nos mais variados jornais e revistas. Contudo, estas crônicas “(...) acabaram (...) veiculadas em impressos menores, sem que ele deixasse passar a oportunidade de denunciar o artificialismo imperante” (ELEUTÉRIO, 2008: 93). O escritor possuía um estilo particular e adaptável às novas características do jornalismo. De acordo com Resende (2004), seus textos podiam ser reconhecidos sem dificuldade, além de se adequarem aos novos modelos de imprensa: tornaram-se mais curtos e contundentes, articulado pelo uso do humor satírico.

Para Antonio Candido (1992: 14), a crônica não tem pretensão de durabilidade, uma vez que “é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa”. Conforme o autor, o gênero busca a coloquialidade, uma linguagem próxima ao cotidiano, a chamada conversa “ao rés-do-chão”. E a simplicidade sempre esteve presente na obra de Lima Barreto. A escrita informal inclusive o define como pré-modernista, já que o coloquialismo constitui uma característica do movimento, assim como a problematização da realidade social e cultural.

Da sua forma anti-erudita e do seu olhar crítico não escapará o jornalismo. Segundo Beatriz Resende (2004: 20), “antecipando uma função bem posterior da crônica jornalística, seus textos vão se referir cada vez mais à própria imprensa, aos próprios jornais e seus noticiários, lidos e comentados”.

5. Classificações da personagem

Para conduzir a análise narrativa, retomaremos elementos da Teoria da Personagem. E. M. Forster (1969) elaborou uma divisão das personagens que as classificou

em planas e redondas. As planas, construídas em torno de apenas uma idéia ou característica, são bidimensionais, e podem ser chamadas de tipos ou caricaturas. Forster (1969) destaca como vantagem o fato de serem facilmente reconhecidas e lembradas pelo leitor: o lado emocional as capta com facilidade, e elas permanecem inalteradas nas mentes dos leitores, pois não foram modificadas durante o romance.

Sobre as personagens redondas, o autor não fornece uma conceituação clara, deixando-as implícitas. Presume-se que são mais complexas, e não podem ser definidas em apenas uma característica. Forster (1969: 61) ainda sugere que a personagem redonda deve surpreender de maneira convincente: “possui a incalculabilidade da vida – a vida dentro das páginas de um livro”.

Ao pensarmos na figura do jornalista na obra de Lima Barreto, de um modo geral, veremos que o autor trata a imprensa de maneira negativa, apresentando personagens essencialmente estereotipadas, configurando uma grande sátira ao jornalismo brasileiro. Para Sevcenko (1999), os recursos básicos da ficção do escritor seriam justamente a caricatura e a ironia. O autor acredita que o uso constante da caricatura vem da crença de Lima Barreto de que a realidade não fala por si, é preciso que a crítica seja exagerada para revelar defeitos e deformações. Já a ironia vai de uma pequena sátira ao humor mais profundo, atingindo um amplo espectro (SEVCENKO, 1999).

Candido (1968: 71-73) também propõe uma categorização das personagens de ficção a partir de seu mecanismo de criação. Assim, identificamos que no trabalho de Lima Barreto as personagens são construídas a partir de um modelo real, que serve como ponto de partida. Nesses casos, o escritor parte de um exemplo na realidade e o modifica, sendo que ainda pode ser identificado pelo leitor.

Antonio Candido (1968) lembra que o enredo é elemento indissociável da personagem. Um só existe através do outro: é impossível pensar na personagem e não pensar na vida que leva e nos problemas que enfrenta. “Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (CANDIDO, 1968: 54). Nesse sentido, lembramos de outro elemento importante da estrutura narrativa: a narração.

A principal personagem de *Isaías Caminha* é justamente o narrador. Isaías nos relata as ações e os fatos a partir de suas próprias impressões. Segundo a teoria narrativa, trata-se de um narrador intradieético, ou seja, situado dentro da narração. É narrado em primeira pessoa e, assim, a história se desenvolve sob a perspectiva de quem a conta,

produzindo ângulos mais subjetivos. O narratário – sujeito ao qual o narrador se dirige –, no livro, é extradiegético: não é personagem concreta dentro do romance, e sim o leitor presumido.

6. Os jornalistas no romance

Com personagens baseadas em pessoas reais, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* oferece uma representação da imprensa que reflete a visão crítica do autor. Os jornalistas são mostrados com mais defeitos que qualidades, e com caráter duvidoso. É interessante ressaltar que foram analisadas, ao todo, oito personagens do livro: Ricardo Loberant, Raul Gusmão, Frederico Lourenço do Couto (Floc), Leporace, Aires d'Ávila, Ivã Gregoróvitch Rostollóf, o jornal *O Globo*, e Isaías Caminha.

Todos eles foram inspirados em jornalistas cariocas do início do século XX³. Apesar terem sido modificados em relação ao modelo real pelos artifícios ficcionais que lhes foram atribuídos, essas personagens ainda podem ser identificadas pelos leitores. No entanto, cabe ressaltar que já se passaram cem anos do lançamento do livro. Muitas referências foram perdidas, e não temos a facilidade em reconhecer as personagens da mesma forma que os leitores da época. Considerando a recepção do livro hoje e as classificações de Candido (1968: 71-73), devemos ponderar em que medida as raízes dos modelos reais acabam desaparecendo no ser fictício. Estas personagens seguiriam uma concepção de homem que serve de base ao criador, que corporifica o estímulo e constrói um modelo.

Ao examinar a maneira com que os jornalistas são retratados, entendemos as personagens do livro como planas, com exceção de Isaías. Isso porque foram construídas sobre uma única idéia; não apresentam grandes variações de personalidade, e podem ser entendidas como caricaturas. Na obra em questão, identificamos duas famílias de

³ O primeiro a revelar a decodificação do romance foi Antônio Noronha Santos, sob o pseudônimo de B. Quadros, na revista *Vida Nova*, em 1936. Sua interpretação do livro era: **Plínio de Andrade** ou **Plínio Gravatá** – Lima Barreto; **Ricardo Loberant** – Edmundo Bittencourt; **Aires D'Ávila** – Leão Veloso (Gil Vidal); **Leporace** – Vicente Piragibe; **Lobo**, o gramático – Cândido Lago; **Floc** – João Itiberê Cunha (Jic); **Veiga Filho** – Coelho Neto; **Raul Gusmão** – João do Rio; **Michaelowsky** ou **Gregorovitch Rostolopp** – Mário Cataruzza; **Pranzini**, o gerente – o Flogliani, do *Fon-Fon*; **Florêncio** – Figueiredo Pimentel; **senador Carvalho** – marechal Pires Ferreira; **dr. Franco de Andrade** – Anfrânio Peixoto; **Losque** – Gastão Bousquet; **Deodoro Ramalho** – Floriano de Lemos; **Rolim** – Chico Souto; **Agostinho Marques** – Pedro Ferreira do Serrado; **dr. Demóstenes Brandão** – o juiz Cícero Seabra (irmão de J.J. Seabra); **Laje da Silva** – Pascoal Segreto; **O Globo** – Correio da Manhã; **Casa da Valentina** – a Valéry ou a Richard. (BARBOSA, 1952: 174)

características destes profissionais: 1) a aura de prestígio e poder que os envolvia perante a sociedade carioca; 2) a mediocridade, falta de escrúpulos e caráter dos que exerciam atividades vinculadas à imprensa. Estas duas categorias não são necessariamente contrapontos. Na verdade, se complementam: o mesmo jornalista que é detentor de status e admiração, na sua existência particular demonstra atitudes mesquinhas, falta de caráter e de ética. Destacamos essas duas situações porque, ao mesmo tempo em que denuncia a má conduta dos jornalistas, o autor enfatiza a atmosfera de poder e glória que os envolvia.

Como exemplo do primeiro grupo, citamos um trecho em que Isaías é acusado de roubo. Tal desconfiança, segundo ele, fora atribuída à sua cor. Uma vez levado à polícia, é interrogado pelo delegado, que inicia a conversa de forma impaciente e agressiva. Porém, acaba mudando de tom:

- Você não tem relações aqui, no Rio, menino?
- Nenhuma.
- (...)
- Mas ninguém? Ninguém?
- O meu conhecimento mais íntimo é o do doutor Ivã Gregoróvitch Rostolóff – conhece?
- Oh! Como não? Um jornalista, do *O Globo*, não é?
- (...)
- Por que não me disse logo? Quando se está em presença da polícia, a nossa obrigação é dizer toda a nossa vida, procurar atestados de nossa conduta, dizer os amigos, a profissão, o que se faz, o que não se faz...
- Não sabia que era um homem importante, por isso...
- Pois não! Um jornalista é sempre um homem importante, respeitado, e nós, da polícia, temo-lo sempre em grande conta... Vá-se embora, disse-me ele por fim, e procure mudar-se daquele hotel quanto antes... (...). (BARRETO, 2007: 67).

Esta situação ilustra bem a posição do jornalista na sociedade a partir da perspectiva mostrada no livro. Visto como um homem de poder, a menção do seu nome livra Isaías de maiores complicações. É interessante ressaltar que, na seqüência da conversa, o delegado comenta: “- Não diga nada ao doutor Rostolóff – sabe? Ele pode publicar e ambos nós temos que perder...” (BARRETO, 2007: 67). Não apenas respeitado, o jornalista é também temido. Sob a aura de respeito e notoriedade, estes profissionais eram creditados como sujeitos superiores. Para Isaías, só eram vistos assim porque trabalhavam nos jornais: “Eles não valiam por si; o jornal é que lhes dava brilho” (BARRETO, 2007: 121).

O autor transfere essas características também a cada uma das personagens, e não apenas aos jornalistas como um todo. Ao descrever Raul Gusmão (que representa o famoso cronista João do Rio) o narrador acentua a arrogância do personagem:

(...) fiquei a ouvi-lo respeitosamente, tanto mais que nos tratou, a mim e ao padeiro, com tal desdém, com tal superioridade que fiquei entubiado, esmagado, diante do retrato, que dele fiz intimamente, de um grande literato, universal e aclamado, espécie de Balzac ou Dickens, apesar dos seus guinchos de *Pithecanthropus*. (BARRETO, 2007: 34).

Além do nome (Paulo Barreto), João do Rio compartilhava outras semelhanças com Lima Barreto: foram contemporâneos, eram mulatos, trabalharam na imprensa, candidataram-se à Academia Brasileira de Letras e, além de nascerem em 1881, faleceram com apenas um ano de diferença. Mas João do Rio foi eleito para a Academia, conseguiu superar os preconceitos (além de mulato, era homossexual) e obteve uma enorme popularidade (COSTA, 2005).

Lima Barreto aponta os jornalistas, em geral, como seres medíocres, de pouca inteligência. A visão do protagonista fica cada vez mais obscura à medida que passa a trabalhar e conviver com eles diariamente: “O que observei neles no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de idéias, cheios de fórmulas, de receitas (...)” (BARRETO, 2007: 65). As críticas atingiam também o maior nome do jornal, Ricardo Loberant, seu fundador e diretor:

a ação deles [dos redatores] (...) recebia a impulsão do doutor Ricardo, o sinete de sua paixão dominante; a sua característica; e esta era o despeito de sua fraca capacidade intelectual, a resistência que seu cérebro oferecia ao trabalho mental contínuo (...). (BARRETO, 2007: 86).

A formação medíocre do homem à frente do jornal é ressaltada: ao invés de dedicar-se aos estudos, Loberant preferia empenhar-se em atividades sociais. Isaías destaca mais de uma vez a pouca inteligência do Doutor Ricardo, apesar do prestígio que tinha como dono da publicação: “aquele homem magrinho, fraco de corpo e de inteligência, sem cultura, amedrontava a cidade e o país” (BARRETO, 2007: 106-107).

Ao retratar o crítico literário do jornal, Floc, Isaías destaca: “ignorante, insciente, com uma literatura de pacotilha, não se animava a desenvolver qualquer teoria, a ter um ponto de vista qualquer; bordava umas banalidades” (BARRETO, 2007: 103). É importante ressaltar que, durante o desenvolvimento da narrativa, Floc tira a própria vida com um tiro. O suicídio demonstra a grande infelicidade e falta de perspectiva escondidas por trás de uma cortina de superioridade e erudição. Mesmo com um caráter estilizado, há

aqui um elemento trágico que marca a personagem: a morte, distanciando-a um pouco da sátira e da caricatura e trazendo-a para mais perto do drama.

7. *O Globo*: o jornal como personagem

O Globo não é uma personagem no sentido que trabalhamos até o momento, como a representação de uma pessoa. Contudo, é o centro que agrega as principais personagens da obra, e que serve de parâmetro para Isaías julgar toda a imprensa. Tratamo-lo aqui como personagem e não como contexto, por seu processo de caracterização ser muito semelhante, se não idêntico, aos das personagens humanas do livro: primeiro nos são passadas suas características físicas, depois sua personalidade; além disso, o próprio artigo definido “o” na frente do nome sugere um contorno mais personificado. Acreditamos ser importante demonstrar a maneira como o jornal foi abordado por apresentar aspectos relevantes no entendimento da imagem proposta pelo autor. O escritor começa descrevendo a redação do jornal:

Era uma sala pequena, mais comprida que larga, com duas filas paralelas de minúsculas mesas, em que se sentavam os redatores e repórteres, escrevendo em mangas de camisa. Pairava no ar um forte cheiro de tabaco; os bicos de gás queimavam baixo e eram muitos. O espaço era diminuto, acanhado, e bastava que um redator arrastasse um pouco a cadeira para esbarrar na mesa de trás, do vizinho. (...). (BARRETO, 2007: 83-84).

A sala era pequena, estreita, escura. Aqui notamos um contraponto: o espaço desconfortável e insalubre contradizendo o poder e a impressão de prestígio do jornal: “Estava na redação do *O Globo*, (...) recentemente fundado e já dispo de grande prestígio sobre a opinião.” (BARRETO, 2007: 83-84).

Ao mesmo tempo em que mostra a influência do periódico, o narrador expõe a mediocridade da redação, que também caracterizava os próprios profissionais:

[Eu] Via Floc fazer reputações literárias, e ele mesmo uma reputação; via Losque, de braço dado com o medíocre Ricardo Loberant, erguer à Câmara e ao Senado quem bem queria; via Aires d’Ávila, com uns períodos de fazer sono e uma erudição de vitrine, influir nas decisões do Parlamento; (...). (BARRETO, 2007: 150-151).

Na batalha pelo gosto do público, *O Globo* não media esforços. Em certo momento, é descoberto um crime bárbaro: um casal é encontrado assassinado, morto a facadas e decapitado. No início não há informação sobre o caso. O jornal, diante da intensa

curiosidade do público e da extensão que a notícia havia alcançado, e “ainda mais que o Jornal do Brasil punha, de quando em quando, um boletim – determinou [o diretor] que o Adelferno inventasse qualquer coisa, indícios, depoimentos, quaisquer informações (...)” (BARRETO, 2007: 120). Não há escrúpulos ou barreiras éticas na batalha pelo público: vale até inventar fatos. Mais características negativas vinculadas ao jornalismo brasileiro.

8. Isaías Caminha

A única personagem do romance que identificamos como redonda é Isaías Caminha. Assim a classificamos, pois, além de características superficiais, possui uma construção psicológica mais complexa: acompanhamos seus conflitos e contradições, sem poder defini-la facilmente.

Ao ser flagrado pelo funcionário em um bordel, Ricardo Loberant oferece ao então contínuo um cargo de repórter, com medo que ele fizesse algum comentário sobre o ocorrido. Ao tornar-se jornalista, Isaías curva-se ao mundo antes criticado, passando a gostar da profissão e a aproveitar tudo o que ela lhe oferecia:

Nos meus primeiros meses de reportagem foi quando amei mais ativamente a vida. Não porque me visse adulado pelos almirantes e capitães-de-mar-e-guerra, mas porque senti bem a variedade onímoda da existência, a fraqueza dos grandes, a instabilidade das coisas e o seu fácil deslizar para os extremos mais opostos. Dois meses antes era simples contínuo, (...); agora, poderosas autoridades queriam as minhas relações e a minha boa vontade. (BARRETO, 2007: 157).

Nem mesmo ele resistiu ao poder da imprensa, passando a receber atenção de homens influentes. Em mais de uma ocasião, demonstra mudança de perspectiva ao longo da narrativa, exibindo maior complexidade que outras personagens:

Desse dia em diante as dificuldades desapareceram. A redação toda me encheu de consideração e a minha intimidade com o doutor Loberant aumentou. Eu mesmo, até então reservado e tímido, comecei a animar-me, a ensaiar um dito, a externar uma opinião. Um belo dia ousei até escrever; fiz um artigo. Comecei a ter inimigos (...). (BARRETO, 2007: 160).

Contudo, mesmo com a ascensão profissional, ao final da trama Isaías faz um balanço pouco positivo da sua vida: “Sentia-me desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de outro qualquer (...)” (BARRETO, 2007: 167). Sua personalidade mostra-se dúbia, obscura, enfatizando uma espécie de amargura como característica da personagem.

9. Os jornalistas nas crônicas

É importante ressaltar que, apesar de não se tratarem de um romance, utilizaremos a mesma tipologia de análise para as crônicas. Como são textos curtos, a personagem pode adquirir contornos ainda mais estilizados. Em algumas, como *Os nossos jornais*, sequer temos uma personagem definida. Neste sentido, podemos classificá-las novamente como planas.

Ao representar os jornalistas nas crônicas, Lima Barreto não foge da linha crítica. Podemos retomar os dois grupos de caracterização já vistos: o prestígio e poder que os envolvia e sua mediocridade e caráter duvidoso. A primeira assertiva permanece praticamente inalterada, como vemos no texto *De forma que...*:

- Quando meu primo Augusto me disse que os redatores das seções elegantes dos jornais do Rio eram muito apreciados e animados pelas moças da alta roda carioca, eu não tive outro pensamento senão fazer-me redator de uma seção dessas (...). (BARRETO, 2004: 251).

Não só o profissional recebe destaque, mas também o veículo de comunicação, que acaba representando um espaço de notoriedade. Em *Os nossos jornais*, o narrador comenta que aparecer no jornal traz suas vantagens: “Sei bem o que é que se visa com isso: agradar, captar o níquel, com esse meio infalível: o nome do jornal” (BARRETO, 2004: 107).

O segundo grupo de características também se mantém. Nas crônicas, eles apresentam, principalmente, características medíocres aliadas à futilidade das pautas e seções dos periódicos. Em *Os nossos jornais*, o escritor comenta: “Os nossos jornais diários têm de mais e têm de menos; têm lacunas e demasias” (BARRETO, 2004: 106), pecando tanto pelo excesso quanto pela falta de informação. A característica da mediocridade é ressaltada em trechos como este, do texto *Ao Caio M. de Barros*:

O mais curioso, neste nosso jornalismo moderno, é que (...) sejam chamados a falar de certos assuntos homens que não tiveram a educação e a instrução para isto, mas que, simplesmente com uma instrução de meros guarda-livros e auxílio do dinheiro de argentários, se arrogam o direito de falar sobre questões sociais e políticas. (BARRETO, 2004: 281).

A falta de inteligência e a má formação voltam a aparecer. Contudo, havia a preocupação em parecer intelectualizado, como vemos em *O repórter e o júri*: “O repórter moralista e sociólogo trouxe as notas do assassinato e dos trejeitos do criminoso na

delegacia. Logo começou a fazer ‘a cabeça’, profundamente filosófica, e foi deitando nos ‘linguados’” (BARRETO, 2004: 40), passagem que demonstra uma tentativa de erudição forçada por parte do repórter.

Esta mediocridade ultrapassa a figura do jornalista como pessoa e profissional, chegando aos próprios jornais. O conteúdo do jornalismo brasileiro é criticado, e este é apresentado como espaço de futilidades. Ao se referir a uma coluna sobre vida social, Lima Barreto comenta, em *Os nossos jornais*: “(...) não está aí só o emprego inútil que os nossos jornais fazem de um espaço precioso. Há mais ainda. Há os idiotas ‘Binóculos’” (BARRETO, 2004: 106), fazendo referência à seção mundana que Figueiredo Pimentel mantinha no *Gazeta de Notícias* (SODRÉ, 1977). E ainda: “Não se compreende que um jornal de uma grande cidade esteja a ensinar às damas e aos cavalheiros como devem trazer as luvas, como devem cumprimentar e outras futilidades” (BARRETO, 2004: 106-107).

Assim, além das duas principais famílias de características identificadas no romance, podemos dizer que, nas crônicas, o autor ainda ressalta uma série de falhas em relação às escolhas editoriais dos jornais cariocas. Reconhecemos neste contexto a imprensa brasileira em transição. Os assuntos policiais, por exemplo, que antes não recebiam muita atenção, passam a ocupar grande espaço. Surge também o noticiário esportivo. Tudo isso para agradar o público, em quem o gosto pelo sensacionalismo começava a nascer (BROCA, 2005). Apesar dessas mudanças, o formato do texto jornalístico ainda demoraria para ser alterado, mantendo antigas características:

O jornal, na alvorada do século, ainda é a anêmica, clorótica e inexpressiva gazeta da velha monarquia, uma coisa precária, chã, vaga, morna e trivial (...). Tempo do soneto na primeira página, dedicado ao diretor ou ao redator principal da Folha. (Luís Edmundo *apud* Sodré, 1977: 323).

10. Considerações finais

A partir da leitura de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e das crônicas de Lima Barreto, foi possível revisitar o contexto de uma época por meio de fragmentos estilizados da figura do jornalista. Época de transformações significativas no campo da imprensa, o autor nos reserva uma visão bastante desfavorável da profissão de jornalista, influenciado também pela sua própria biografia e por sua convivência difícil com os principais veículos de comunicação de seu tempo. A crítica contundente de Lima Barreto

sobre a imprensa se repete no romance e nas crônicas, onde ele destaca também a série de falhas editoriais que prejudicariam o jornalismo brasileiro.

É importante sublinhar que esta visão negativa foi compartilhada por escritores que o antecederam. Entre eles, Honoré de Balzac e Guy de Maupassant. Balzac, ente 1835 e 1843, escreveu *Ilusões Perdidas*, um romance que trata do jornal em seu nascimento, mostrando as glórias e os percalços de um poeta provinciano, que tenta carreira na capital francesa. Ele alcança o sucesso ao iniciar no jornalismo, mas entra em desgraça pelos próprios poderes ambíguos da imprensa (WISNIK, 1992). Nesta obra, as relações entre jornalismo e literatura também são abordadas: o jovem poeta que acaba perdendo seus sonhos sobre literatura e moral. Assim, o jornalismo aparece como a saída de uma carreira literária que não vinga pelas dificuldades do mercado. No Brasil, especialmente a partir da metade do século XIX, os literatos viveriam a mesma realidade, tendo que recorrer aos jornais para obter visibilidade e retorno financeiro.

Bel-ami, de Maupassant, foi publicado em 1886. Conta a trajetória de George Duroy, “modesto, ambicioso e sedutor” (TRAVANCAS, 2003), que mantém um emprego medíocre em Paris. Ao ganhar um trabalho como jornalista, e sem conhecer nada do ofício, constrói uma carreira bem sucedida, obtém sucesso financeiro e amoroso, e utiliza a profissão como método de ascensão social. Para Travancas (2003), este personagem possui uma ambição sem escrúpulos e sem ética: não se importa com a verdade dos fatos ou com suas conseqüências, despreza o ofício do jornalismo ao mesmo tempo em que super valoriza o lugar de destaque alcançado por meio dele.

Quando os primeiros capítulos de *Isaiás Caminha* foram escritos na *Floreal* em 1907, saía em livro *O momento literário*, pesquisa realizada por João do Rio três anos antes, reunindo depoimentos favoráveis e desfavoráveis sobre a relação entre jornalismo e literatura. A enquete foi realizada com os principais intelectuais da época. Cristiane Costa (2005) lembra que Lima Barreto não chegou a ser procurado para responder. Uma das perguntas cruciais foi se o jornalismo, no Brasil, era algo bom ou mau para a literatura. Segundo Costa (2005), dos 36 que responderam, dez disseram que o jornalismo atrapalhava o trabalho literário; onze disseram que não, entre outras respostas. Assim, aparecem como fatores positivos do jornalismo: pagamento, divulgação, experiência, exercício e legitimação. Como negativos, mercantilismo, banalização, esterilidade, falta de tempo e favorecimento (COSTA, 2005). Ao mesmo tempo em que o jornalismo é um meio para o homem das letras fazer-se ler, ganhando alguma notoriedade e dinheiro, a

atividade podia ser vista como prejudicial ao cultivo da literatura, uma maneira de “prostituir” o talento do escritor.

Lima Barreto, sem responder à enquete de seu desafeto, filiou-se a esta última perspectiva desenhando jornalistas de perfil medíocre e duvidoso. Com seu texto afiado, procurou combater a futilidade das redações, o mundanismo, o excesso de temas policiais. Queria uma imprensa que tratasse dos problemas da sociedade, que abrigasse um bom noticiário internacional e que trouxesse pessoas com formação adequada para escrever sobre os assuntos abordados: defendia somente uma imprensa de qualidade.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952.

BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Série Bom Livro. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. Os nossos jornais. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (org). **Toda Crônica: Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p.9-23

_____. Os jornais dos estados. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (org). **Toda Crônica: Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p.9-23

_____. De forma que... In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (org). **Toda Crônica: Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p.9-23

_____. Ao Caio M. de Barros. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (org). **Toda Crônica: Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p.9-23

_____. O repórter e o júri. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (org). **Toda Crônica: Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p.9-23

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: _____ et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968. p.53-80.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: _____ et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1992. p.13-23.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ELEUTÉRIO, Maria de Lurdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.83-102.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Trincheiras de sonho: ficção e cultura em Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Editora Globo: Porto Alegre, 1969.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Leitura e percepção estética: Recordações do Escritor Isaías Caminha, de Lima Barreto**.

<https://www.ucm.es/info/especulo/numero18/limabar2.html>. Acessado em 24/08/2008.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RESENDE, Beatriz. Sonhos e mágoas de um povo. In: _____ e VALENÇA, Rachel (org). **Toda Crônica: Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p.9-23.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Claudia. O processo de consolidação da imprensa brasileira. In: _____. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. p.67-94.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: ____ e NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**. V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.514-619.

_____. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

TRAVANCAS, Isabel. **O jornalista e suas representações literárias**. www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_travancas.pdf

Acessado em 15/07/2008.